

AIRES MATEUS

Beleza apesar de tudo



SERRAVES
ALA ÁLVARO SIZA

EXPOSIÇÃO EXHIBITION

A exposição *Beleza apesar de tudo*, dos arquitetos Aires Mateus é organizada pela Fundação de Serralves — Museu de Arte Contemporânea, tem curadoria de Nuno Crespo e coordenação de Cassandra Carvas, Atelier Aires Mateus, e Diana Cruz, Fundação de Serralves.

The exhibition *Beauty in spite of all*, by architects Aires Mateus, is organized by the Serralves Foundation — Museum of Contemporary Art, curated by Nuno Crespo, with coordination by Cassandra Carvas (Atelier Aires Mateus) and Diana Cruz (Serralves Foundation).

LIVRO DA EXPOSIÇÃO EXHIBITION CATALOGUE

A Fundação de Serralves publicará o livro da exposição que inclui ensaios de Marta Bogeá e Ricardo Carvalho, uma conversa entre o curador Nuno Crespo e Manuel e Francisco Aires Mateus e um ensaio fotográfico de André Cepeda.

Serralves Foundation will publish the exhibition book, which includes essays by Marta Bogeá and Ricardo Carvalho, a conversation between curator Nuno Crespo and Manuel and Francisco Aires Mateus, and a photographic essay by André Cepeda.

AIRES MATEUS

Beleza apesar de tudo

Construímos casas para acolher intimamente o bocado do mundo – feito de coisas, pessoas, animais, plantas, atmosferas, eventos, imagens e lembranças – que torna a nossa felicidade possível.

Emanuele Coccia, Filosofia da casa

Beleza apesar de tudo não é uma exposição antológica ou retrospectiva, mas uma exploração das investigações espaciais desenvolvidas pelos arquitetos Aires Mateus nos últimos vinte anos.

Não se trata tanto de apresentar projetos imaginados, projetados e/ou construídos, mas de mostrar como certas ideias têm conduzido esta dupla. Ideias que não são apenas operativas na resolução de problemas espaciais e construtivos, mas também se ligam a uma pesquisa profunda e poética sobre os materiais, os espaços, as geografias, o tempo e a história.

Através das noventa e uma representações espaciais apresentadas, percorrem-se alterações de escala intensas, diversidades matéricas e tácteis, que transformam esta exposição num laboratório de experiências físicas, sensíveis e belas.

A exposição está organizada em cinco áreas – jardim, matéria, tempo, lugares, geografias – que não constituem um percurso nem ambicionam ser representações mais ou menos fiéis de realidades concretas. Devem antes ser entendidas como lugares compostos

por elementos heterogéneos – objetos, imagens, desenhos – em que tensões espaciais e materiais se constituem e se deixam experimentar.

Cada um destes momentos constitui uma composição e é apresentado como um conjunto de experiências espaciais distintas que somos convidados a testar. O que faz desta exposição uma espécie de laboratório que transforma cada visitante num explorador inesperado.

Cada objeto, maquete, desenho ou imagem tem uma dupla função. Por um lado, constitui um questionamento radical do estatuto das representações em arquitetura. Uma radicalidade ancorada num campo disciplinar preciso que não abandona as formas mais comuns, ortodoxas e canónicas de exposição e apresentação de arquitetura (desenhos, maquetes, imagens). Um questionamento que, depois, se alarga a todas as formas de representação e à sua capacidade de dizer o real.

Por outro lado, estes elementos não são, para estes arquitetos, fragmentos de realidades ausentes que se simbolizam e se referenciam, mas sim experiências de pensamento. Isto é, esta exposição é um rigoroso exercício de exploração de possibilidades de trabalho no campo da arquitetura. Porque, como afirmam em conversa, “o trabalho da arquitetura é pensar.” *

Nuns casos com maior evidência, noutros de um modo mais discreto e abstrato, poderemos identificar alguns dos projetos assinados por este estúdio: desde as simbólicas e programáticas casas de Alenquer e Azeitão, ao Centro

de Investigação das Furnas nos Açores, às casas na areia na Comporta, à sede da EDP em Lisboa, aos museus em Lausanne e Tours ou a faculdade de arquitetura de Tournai, entre outros.

É possível reconhecer alguns elementos da língua que estes arquitetos têm vindo a inventar, mas a ambição não é regressar a esses projetos e a esses espaços, mas propor um entendimento da disciplina da arquitetura.

Não se trata de apresentar, ilustrar e expor essas *arquitecturas*, mas de mostrar como cada uma dessas realidades conceptuais, formais e materiais participa da formação de um léxico que não diz apenas respeito ao trabalho dos Aires Mateus, mas também alimenta o próprio campo da arquitetura. Um léxico composto por um certo uso de volumetrias, escalas, e ritmos construtivos e compositivos, que não se repetem, mas que vão reaparecendo e nos permitem reconhecer um certo modo de pensar e fazer.

Num outro nível, esta exposição trabalha a impossibilidade de expor arquitetura. Não só porque as construções arquitetónicas não são possíveis de transportar para o museu e, portanto, trata-se, na maior parte das vezes, de lidar com uma ausência, mas também porque, como afirmam estes arquitetos, “a arquitetura é uma plataforma da vida, nunca está acabada, é sempre uma obra em aberto que se revela na vida.”*

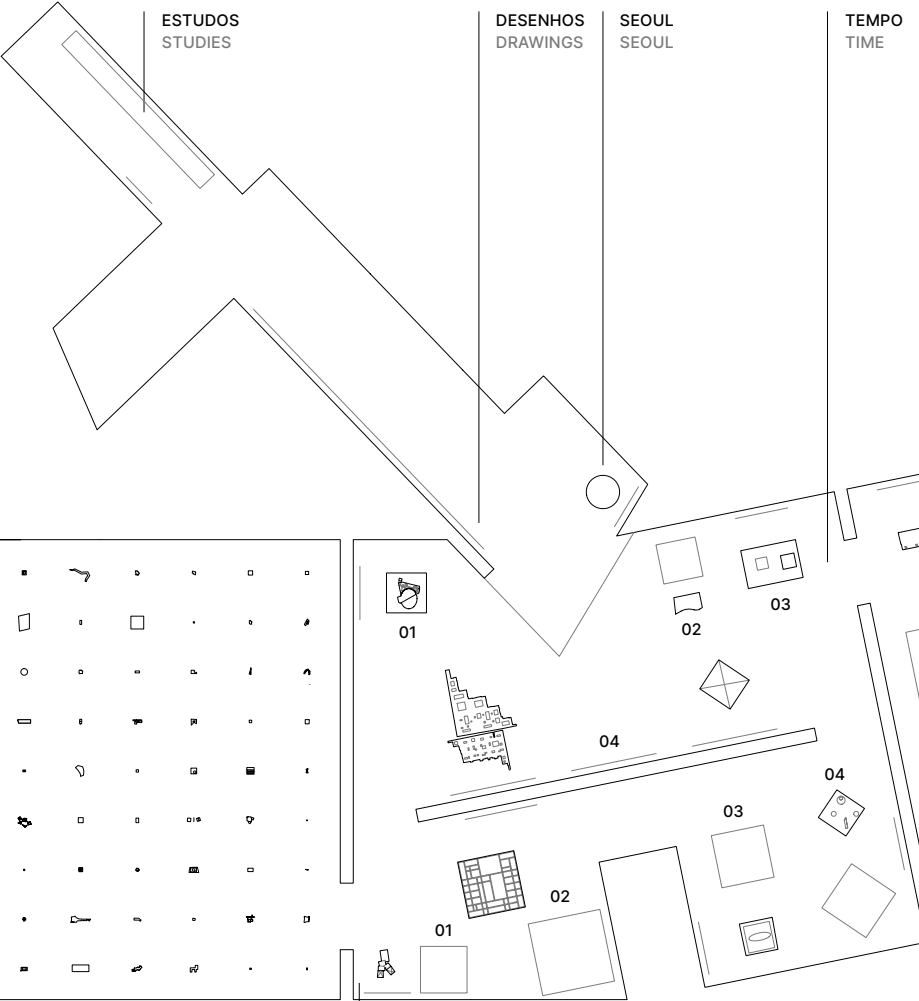
Uma compreensão que deixa ouvir os ecos da máxima de Aldo Rossi: é preciso esquecer a arquitetura. Para Rossi, a arquitetura é um elemento primordial

da nossa relação com a vida, e as suas formas são as formas em que a vida se manifesta e se insere. Aprendemos com ele que o modo rigoroso de falar de arquitetura não é falar “de uma escola, de um cemitério ou de um teatro”, mas sim falar “da vida, da morte, da imaginação.” (Aldo Rossi, *Autobiografia Científica*)

Falar sobre a vida, a morte e a imaginação é, assim, a grande ambição partilhada por estes arquitetos. Uma ambição que resgata a arquitetura de uma circunscrição técnica e especializada e a assume como um saber estético, humano, cultural, social.

Se com Rossi aprendemos que a arquitetura torna a vida possível, e com Coccia que ela acolhe o mundo, é porque, apesar da catástrofe climática, da densificação e descaracterização desumana das cidades e lugares que habitamos, da progressiva destruição de todos os habitats e da sua história, da pressão económica que torna a arquitetura um direito de muito poucos, ela ainda é capaz, por vezes, de suspender esse mundo da urgência, da aflição, e da tecnologia desumanizada. E, nessa suspensão, fazer emergir a beleza como gesto de resistência às ondas de destruição que continuamente vemos vir na nossa direção. Uma beleza que, apesar de tudo, possibilita a vida.

*Todas as citações da conversa foram extraídas do livro *Aires Mateus. Beleza apesar de tudo* a ser editado brevemente pela Fundação de Serralves



ESTUDOS
STUDIES

DESENHOS
DRAWINGS

SEOUL
SEOUL

TEMPO
TIME

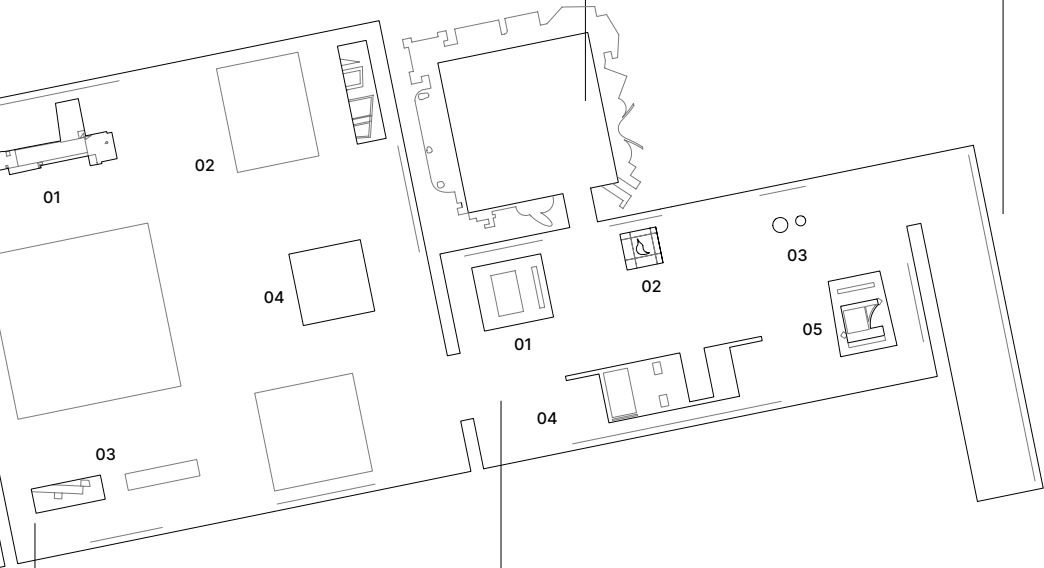
JARDIM
GARDEN

01 PORTO PALAFITA
02 MELIDES
MATÉRIA MATTER 03 BARREIRO
04 MONSARAZ

01 BENEVENTO
02 ALHAMBRA
03 BERLIM
04 CAIRO

VENEZA
VENEZIA

IMAGENS
IMAGES



LUGARES
PLACES
01 TOURNAI
02 SINES
03 TOULOUSE
04 LAUSANNE

GEOGRAFIAS
GEOGRAPHIES
01 MELBOURNE
02 PUERTO ESCONDIDO
03 ILHA DO FOGO
04 NOVA DELI
05 PINHEIRINHO

AIRES MATEUS

Beauty in spite of all

We build homes to give a form of intimacy to the portion of the world – comprising objects, people, animals, plants, atmospheres, events, images and memories – that make happiness possible.

Emanuele Coccia, Philosophy of the Home

Beauty in spite of all is no anthological or retrospective exhibition, but an exploration of twenty years in spatial experimentation by architects Aires Mateus.

It focuses less on showing imagined, planned and/or built projects, but rather on revealing how certain ideas have guided this duo. Ideas which serve not only to resolve specific issues - be they of space, or construction – but which are also associated with the pair's profoundly poetic research into materials, spaces, geographies, time and history.

In the course of ninety-one spatial models, we see extreme variations in scale and in material, tactile diversity, which transform this exhibition into a laboratory for experiments in physicality, sensibility and beauty.

The exhibition is grouped into five areas – garden, material, time, places, geographies – which do not constitute a line of approach nor do they seek to be more or less faithful representations of concrete realities. They should rather be understood as places comprising heterogeneous elements – objects, images, drawings – in which spatial and material tensions emerge and are put to the test.

Each one of these thematic moments comes together compositionally to present a set of distinct spatial experiments which we are invited to test out for ourselves. This is an exhibition that turns the visitor into an unwitting explorer in a kind of laboratory.

Each object, maquette, drawing or image serves a dual purpose. On the one hand, it radically questions the condition of representation in architecture. A radicality anchored in a precise disciplinary field, which does not turn its back on the most common, orthodox forms of presentation or exhibition of the architectural canon (drawing, maquettes, images). A desire to question, which at first glance alludes specifically to these forms of representation, only to then expand to all others, and their capacity to express the real.

On the other hand, these elements are not seen by the architects as fragments of absent realities, which are self-symbolic and referential, but rather experiments in thinking. In other words, this exhibition is a rigorous attempt to explore the working possibilities of architecture. As they themselves had said, in conversation, “the work of architecture is thinking.” *

Sometimes more evidently, and at others in more discreet and abstract fashion, we can spot which are the projects to have emerged from this studio: from the symbolically-programmatic houses of Alenquer and Azeitão to the Furnas Environmental Interpretation Centre in the Azores, the “houses on sand” in Comporta, the EDP headquarters in Lisbon, to museums in Lausanne

and Tours or Tournai's Faculty of Architecture, among others.

We can begin to recognise elements of the vernacular of these architects' invention, but the goal here, not being to revisit these projects and spaces, is to engage in an understanding of the discipline of architecture.

This is no exercise in simply presenting, illustrating or exhibiting these *architectures*, but in showing how each one of these conceptual, formal and material realities plays into the compiling of a lexicon that is not just relevant to the work of Aires Mateus, but also sustains the domain of architecture itself. A lexicon consisting of application of volume, scale, and constructive and compositional rhythm which does not resort to repetition, but which nonetheless may reappear and enable us to recognise a particular approach to thinking and doing.

On another level, the impossible task that is exhibiting architecture comes under scrutiny. Not only because of the unfeasibility of transplanting architectural construction to the museum space, for which reason we for the most part have to deal with its absence, but also because, as these architects have said, "architecture is a platform of life, which never comes to an end, always a work-in-progress that reveals itself in life."*

An insight that contains echoes of Aldo Rossi's maxim: the need for forgetting architecture. For Rossi, it is a primal element in our relationship with life, and its forms are the forms in which

life manifests, and insinuates itself. We have learned with him that to speak with exactness of architecture is not by talking "about a school, a cemetery, a theatre", but rather "about life, death, imagination." (Aldo Rossi, *Scientific Autobiography*)

Talking about life, death and imagination is, likewise, the great aspiration of these architects. An aspiration that rescues architecture from a tendency for technical, specialist restraint, and embraces being an aesthetic, human, cultural and social source of knowledge.

If with Rossi we learn how architecture makes life possible, and with Coccia it bids the world welcome, it is because, in spite of the climate catastrophe, the overcrowding and dehumanising degradation of the cities and places we call home, the progressive destruction of all our habitats and their history, economic pressures that make architecture a right for the select few, it still is able, sometimes, to put that pressurised, afflicted, technologically-hollow world on hold. And in this suspended state, it can bring out beauty as a gesture of resistance to the waves of destruction we constantly have looming over us. A beauty which, in spite of everything, makes life possible.

*All quotes from this conversation are taken from the book *Aires Mateus. Beauty in Spite of All*, soon to be published by the Serralves Foundation.

AIRES MATEUS

Manuel Aires Mateus (1963) e Francisco Aires Mateus (1964) fundaram o atelier Aires Mateus em 1988. Hoje, o atelier é composto por cerca de 50 profissionais, e a escala do seu trabalho varia de grandes intervenções à escala da cidade a projetos de interiores. O trabalho que têm vindo a desenvolver debruça-se sobre o papel da memória e do conhecimento, bem como sobre a relação entre o mundo físico e o mundo cultural. Procura refletir sobre todas as escalas que nos envolvem, evocando a vontade de desenhar. Procura a perenidade das formas e da materialidade, a continuidade do tempo.

Ao trabalho de atelier, os arquitetos adicionam a prática do ensino e ambos têm colaborado com várias universidades como Universidade Autónoma de Lisboa, a Academia de Arquitetura de Mendrisio, Harvard University, Escola de Arquitetura de Oslo, Universidade de Auckland, entre outras.

O trabalho do atelier recebeu inúmeros prémios nacionais e internacionais e tem uma atividade expositiva regular de onde se destacam a exposição no CCB em 2005, no Convento de Tomar em 2018 e as muito referenciadas participações nas Bienais de Arquitetura de Veneza (2021, 2018, 2012, 2010), na Bienal da Coreia do Sul (2021) ou na Chicago Architecture Biennial (2017).

AIRES MATEUS

Manuel Aires Mateus (1963) and Francisco Aires Mateus (1964) founded their studio in 1988. Today, the atelier has a staff of around 50, and the scale of commissions can vary from major interventions at a city level to interior projects. The evolution of their work explores the role of memory and knowledge, as well as the relationship between the physical and cultural. It seeks to reflect on the myriad of scales that surround us, invoking a desire to draw, the permanence of form and materiality, and time's flow.

Besides the studio practice, the architects also lecture and have collaborated with such universities as Lisbon's Universidade Autónoma, the Academy of Architecture at Mendrisio, Harvard University, Oslo's School of Architecture, Auckland University, and more.

The studio has received numerous national and international awards and is regularly exhibited in institutions, highlights including at Belém Cultural Centre in 2005, the Convent of Tomar in 2018, as well as noted contributions to the Venice Biennale of Architecture (2021, 2018, 2012, 2010), the South Korea Biennale (2021) and the Chicago Architecture Biennial (2017).

Apoio ao Atelier Aires Mateus para a
realização da exposição Support for
Atelier Aires Mateus for the realization
of the exhibition:

 **Tintas Robbialac**^{SA}

José Maria Ferreira

iduna

VISITAS PARA ESCOLAS TOURS FOR SCHOOLS

Sujeitas a marcação prévia, com uma antecedência mínima de 15 dias. Para mais informações e marcações, contactar (2ª a 6ª feira, 10h – 13h e 14h30 – 17h)

Minimum two-week advance booking is required.
For further information and booking, please contact
(Monday to Friday, 10 am – 1 pm and 2:30 pm – 5 pm)

Cristina Lapa: ser.educativo@serralves.pt

Tel. (linha direta direct line): 226 156 546

Tel: 226 156 500

Chamadas para a rede fixa nacional. Calls to the national landline network.

Marcações online em Online booking at www.serralves.pt

LOJA SHOP

Uma referência nas áreas do design, onde pode adquirir também uma recordação da sua visita.

A leading retail outlet for the areas of design, where you can purchase a souvenir to remind you of your visit.

loja.online@serralves.pt

www.loja.serralves.pt

LIVRARIA BOOKSHOP

Um espaço por excelência para todos os amantes da leitura.

The perfect place for all book lovers.

BAR

Onde pode fazer uma pausa acompanhada de um almoço rápido ou um lanche, logo após a visita às exposições.

In the Bar of Serralves Auditorium you can take a break, with a quick lunch or snack, after visiting the exhibitions.

RESTAURANTE RESTAURANT

Desfrute de um vasto número de iguarias e deixe-se contagiar pelo ambiente que se faz viver com uma das mais belas vistas para o Parque.

Enjoy a wide range of delicacies and allow yourself to be captivated by the environment associated with one of the most beautiful views over the Park.

restaurante.serralves@ibersol.pt

CASA DE CHÁ TEAHOUSE

O local ideal para a sua pausa do ritmo citadino ou para o descanso de uma visita pelo Parque.

The ideal place to take a break from the bustling city or rest during a visit to the Park.

INFORMAÇÕES E HORÁRIOS: INFORMATION AND OPENING HOURS:

www.serralves.pt/visitar-serralves

Fundação de Serralves

Rua D. João de Castro, 210
4150-417 Porto — Portugal

serralves@serralves.pt

Linha geral General lines:


(+351) 808 200 543


(+351) 226 156 500


Chamadas para a rede fixa nacional.


Calls to the national landline network.

www.serralves.pt

 [/fundacao_serralves](https://www.instagram.com/fundacao_serralves)

 [/fundacaoserralves](https://www.facebook.com/fundacaoserralves)

 [/fundacaoserralves](https://www.youtube.com/fundacaoserralves)

 [/serralves](https://twitter.com/serralves)

Apoio Institucional
Institutional Support

Mecenas do Museu e da Exposição
Museum and Exhibition Sponsor

